

A disputa entre Design e Arte é histórica. Consideramos as múltiplas oposições entre Design e Arte como uma espécie de jogo de armar que opera mais com a complementariedade do que com as diferenças.

Se o conceito de Arte anterior às formulações teóricas do Design é múltiplo e dicotômico, variando de acordo com o tempo, espaço e emissor por que o de Design não seria se ambos Arte e Design tratam da criação humana? Se para Kant em 1790 a Arte significava sensualidade (Crítica do Julgamento) oposta ao belo, para Schiller (1793) sua função era formar o “*beautiful soul*” do perfeito cidadão. Nos novos tempos, o Design pode ser considerado, então, uma nova arte liberal da cultura tecnológica¹.

São numerosas as oposições que confrontam estas duas áreas das quais tratamos neste dossiê, tais como: considerar o Design a esfera do prático e o usável e a Arte como a esfera da cidadania e do sublime; a oposição entre razão e sentimento; entre o objeto e o sujeito; entre a auto expressão e o mercado; entre o trabalho e o jogo; entre a heteronomia e a autonomia. Muitas destas oposições foram derogadas pela POP Arte, pela estetização, pela customização, pela artificação, pelos “*duchampions*”. O mercado dominou ambas as áreas e a Arte e o Design estão prontos para transformar nossas vidas.

Ao considerar o ensino do Design e da Arte há duas ordens que são apresentadas também como dicotômicas, mas que se complementam criativamente. Uma é a ideia de que a Arte é centrada no desejo do ser humano e o Design é centrado em suprir a falta do que os outros desejam.

Se aliarmos a esta ordem outra que pode ser considerada também complementar, a ideia de que Arte é vida e Design, vida com Arte, teremos duas razões imperiosas para recuperar uma intimidade sem hierarquização entre o Ensino da Arte e do Design: a melhoria de qualidade de vida para o indivíduo e a sociedade.

As Pedagogias do Design e da Arte não são separadas por um abismo. Não há uma linha territorial definida entre elas mas como diz Jan Jagodzinski² uma membrana fina, onde uma negociação entre eles acontece.

A História do Ensino do Design e da Arte nos advertiu para organizarmos os textos em três partes, a primeira sobre o Ensino do Design, a segunda sobre o Ensino da Arte e a terceira sobre um Design estendido, indo da interculturalidade à tecnologia.

Aos leitores e leitoras oferecemos a oportunidade de comparações e integrações ou até de novas dicotomias embora tenhamos tentado questionar as oposições.

Agradecemos a generosidade dos colaboradores.

Ana Mae Barbosa,

Claudia Facca

¹BUCHANAN, R. Wicked Problems in Design Thinking. Design Issues, 8, n. n.2, Spring 1992. 5-21. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1511637>. Acesso em: 12 outubro 2019.

²JAGODZINSKI, Jan. Desiring Lines: The Pedagogical Responsibility of Art & Design at the End of the World in The International Encyclopedia of Art and Design Education, Richard Hickman (General Editor), John Baldacchino, Kerry Freedman, Emese Hall, and Nigel Meager (Volume Editors). © 2019 JohnWiley & Sons, Inc. Published 2019 by JohnWiley & Sons, Inc. DOI: 10.1002/9781118978061.ead065.

Editorial

Ensino do Design e da Arte

Homenagem a Arthur Efland

Cabe bem aqui, em um número do DATJournal dedicado ao ensino do Design e da Arte, homenagear Arthur Efland, meu amigo e grande intelectual, que foi pesquisador sobre a História do Ensino da Arte, com algumas pesquisas sobre História do Design.

Arthur Efland (1929)³ morreu em Ohio (Estados Unidos) no dia 11 de abril de 2020, com 90 anos de lucidez dedicados à Arte-Educação.

Na década de 70, um de seus artigos sobre a Arte Escolar chamou a atenção para o fato de que a chamada Educação Artística nas Escolas não tinha nada a ver com o mundo da Arte, eram meros exercícios escolares. Sua crítica abriu espaço para o pós-modernismo em Arte-Educação facilitando a entrada das imagens da Arte das salas de aula do jardim da infância aos ateliês nas Universidades. Antes, reinava a esquizofrenia na formação dos artistas: a dicotomia entre a prática e a teoria. Nas décadas seguintes publicou muito, mas dois livros mudaram o status da Arte na Educação e na História de seu ensino: um sobre Arte e Cognição e outro sobre História do Ensino da Arte, com interessantes descobertas sobre a História do Ensino do Design.

Eu era uma leitora ávida dos textos de Arthur Efland desde que fiz meu Doutorado na Universidade de Boston nos Estados Unidos, e me apaixonei pela História do Ensino da Arte. Ele se transformou em um de meus heróis intelectuais. Meus professores tentavam me convencer a abandonar a pesquisa histórica com a desculpa de que eu tinha talento para metodologias de ensino. Naquela época, História do Ensino da Arte era um assunto relegado ao esquecimento, sem importância e quase sem público leitor.

Ele deu prestígio aos estudos históricos de Art-Education nos Estados Unidos. Depois, quando o conheci pessoalmente, minha admiração aumentou muito. Além de me estimular para continuar minhas pesquisas históricas descobri logo que era um ser humano extraordinário. Percebia rapidamente as qualidades das pessoas e procurava se comunicar e ressaltar essas qualidades em vez de nos classificar pelos defeitos. Era um historiador com paciência histórica em relação a seus alunos, esperava que se desenvolvessem e, se precisava criticar algo, o fazia de maneira suave, às vezes um pouco irônica, mas sempre dialogal.



Fonte Fotografia de Dra. Mary Stockroki (São Paulo, 1998)

Arthur e Jenny receberam a mim e minha família como se fossemos de sua própria família, quando fui professora da The Ohio State University. Eles procuraram satisfazer minha sede de conhecer as instituições culturais próximas e não posso esquecer a magnífica experiência que me proporcionaram ao me levarem a ver uma exposição didática de uma obra de Frida Kahlo no Museu de Arte da Universidade de Miami. Vi o que considero um milagre museográfico: uma única obra (o autorretrato de Frida Kahlo como veado) alimentando uma exposição que capturava os sentidos e era profundamente significativa.

Arthur esteve duas vezes no Brasil, a meu convite, para o I Congresso sobre História do Ensino da Arte 1984 na ECA/USP e como professor do curso que inaugurou o SESC Vila Mariana em 1998, “A Compreensão e o Prazer da Arte”.

Se quiserem conhecer seus textos comecem com o intitulado “Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-moderno”, em GUINSBURG, J e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). O pós-modernismo. SP: Editora Perspectiva, 2008, pág. 173 a 188.

Arthur Efland conquistou para a História do Ensino da Arte e do Design um lugar de respeito entre as áreas de conhecimento.

Não existe conhecimento respeitável sem História.

Ana Mae Barbosa

³ SCHOEDINGER. Arthur Efland. Disponível em <https://www.schoedinger.com/obituaries/Arthur-Efland/#/TributeWall>. Acesso em 30 de abril de 2020.

The dispute between Design and Art is historic. We consider the multiple oppositions between Design and Art as a kind of arming game that operates more with complementarity than with differences.

If the concept of Art prior to the theoretical formulations of Design is multiple and dichotomous, varying according to time, space and emitter why would design not be if both Art and Design deal with human creation? If for Kant in 1790 Art meant sensuality (Critique of Judgment) opposite to beauty, for Schiller (1793) his function was to form the “beautiful soul” of the perfect citizen. In the new times, design can then be considered a new liberal art of technological culture¹.

There are numerous oppositions that confront these two areas of which we deal in this dossier, such as: to consider Design the sphere of the practical and the usable and art as the sphere of citizenship and the sublime; the opposition between reason and feeling; between the object and the subject; between self-expression and the market; between work and play; between heteronomy and autonomy. Many of these oppositions were derogated from POP Art, by aestheticization, by customization, by artification, by the “Duchampianos”. The market has dominated both areas and Art and Design are ready to transform our lives.

When considering the teaching of Design and Art there are two, orders that are also presented as dichotomous, but which complement each other creatively. One is the idea that Art is centered on the desire of the human being and Design is centered on filling the lack of what others desire.

If we combine to this other order that can also be considered complementary, the idea that Art is life and Design, life with Art, we will have two compelling reasons to recover an intimacy without hierarchy between the Teaching of Art and Design: the improvement of quality of life for the individual and society.

The Pedagogies of Design and Art are not separated by an abyss. There is no defined territorial line between them but, as Jan Jagodzinski² says, a thin membrane, where a negotiation between them takes place.

The teaching of Design and Art history warned us to organize the texts in three parts, the first based on the Teaching of Design, the second, on the Teaching of Art and the third, on an Extended Design, going from interculturality to technology.

For the readers we offer the opportunity for comparisons and integrations or even new dichotomies although we have tried to question the oppositions.

We appreciate the generosity of the collaborators.

*Ana Mae Barbosa,
Claudia Facca*

¹ BUCHANAN, R. Wicked Problems in Design Thinking. Design Issues, 8, n. n.2, Spring 1992. 5-21. Available in: <http://www.jstor.org/stable/1511637>. Accessed on: October 12th 2019.

² JAGODZINSKI, Jan. Desiring Lines: The Pedagogical Responsibility of Art & Design at the End of the World in The International Encyclopedia of Art and Design Education, Richard Hickman (General Editor), John Baldacchino, Kerry Freedman, Emese Hall, and Nigel Meager (Volume Editors). © 2019 JohnWiley & Sons, Inc. Published 2019 by JohnWiley & Sons, Inc. DOI: 10.1002/9781118978061.ead065.

Editorial

Teaching of Design and Art

Tribute to Arthur Efland

It is right here, in a DATjournal issue dedicated to the teaching of Design and Art, to honor Arthur Efland, my friend and great intellectual, who was a researcher on the History of Art Teaching, with some research on The History of Design.

Arthur Efland (1929)³ died in Ohio (United States) on April 11, 2020, with 90 years of lucidity dedicated to Art-Education.

In the 1970s, one of his articles based on School Art drew attention to the fact that the so-called Art Education in Schools had nothing to do with the art world, they were mere school exercises. His critique making room for postmodernism in Art-Education facilitating the entry of art images from kindergarten classrooms to workshops in universities. Previously, schizophrenia reigned in the formation of artists: the dichotomy between practice and theory. In the following decades he published a lot, but two books changed the status of Art in Education and the History of its teaching: one on Art and Cognition and the other on The History of Art Teaching, with interesting discoveries about the History of Design Teaching.

I've been an avid reader of Arthur Efland's texts since I did my PhD at Boston University in the United States and fell in love with the History of Art Teaching. He turned into one of my intellectual heroes. My teachers were trying to convince me to abandon historical research with the excuse that I had a talent for teaching methodologies. At that time, History of Art Teaching was a subject relegated to oblivion, unimportant and almost without a reading public.

He gave prestige to the historical studies of Art-Education in the United States. Then, when I met him in person, my admiration greatly increased. In addition to encouraging me to continue my historical research I soon discovered that he was an extraordinary human being. He quickly perceived people's qualities and sought to communicate and highlight those qualities instead of classifying us by defects. He was a historian with historical patience towards his students, hoped that they would develop and, if he needed to criticize something, he did it in a soft way, sometimes a little ironic, but always dialogal.



Fonte Photo by Dr. Mary Stockroki (São Paulo, 1998)

Arthur e Jenny received me and my family as if it were his own family, when I was a teacher at The Ohio State University. They helped satisfy my thirst to meet the nearby cultural institutions and I can't forget the magnificent experience they provided me when they take me to see a didactic exhibition of a work by Frida Kahlo at the Museum of Art at the University of Miami. I saw what I consider a museographic miracle: a single work (Frida Kahlo's self-portrait as a deer) feeding an exhibition that captured the senses and was deeply significant.

Arthur was twice in Brazil, at my invitation, for the 1st Congress on The History of Art Teaching 1984 at ECA/USP and as a teacher of the course that inaugurated SESC Vila Mariana in 1998, "The Understanding and Pleasure of Art".

If you want to know your texts start with the entitled "Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-moderno", in GUINSBURG, J e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). O pós-modernismo. SP: Editora Perspectiva, 2008, p. 173- 188.

Arthur Efland has earned for the History of Art and Design Teaching a place of respect between the areas of knowledge.

There is no respectable knowledge without history.

Ana Mae Barbosa

³ SCHOEDINGER. Arthur Efland. Available in: <https://www.schoedinger.com/obituaries/Arthur-Efland/#/> TributeWall. Accessed on: April 30th 2020.

La disputa entre Diseño y Arte es histórica. Consideramos las múltiples oposiciones entre Diseño y Arte como una especie de juego de armado que funciona más con complementariedad que con diferencias.

Si el concepto de Arte anterior a las formulaciones teóricas del Diseño es múltiple y dicotómico, variando según el tiempo, el espacio y el emisor, ¿por qué el diseño no sería si tanto el Arte como el Diseño se ocupan de la creación humana? Si para Kant en 1790 Arte significaba sensualidad (Crítica del Juicio) opuesto a la belleza, para Schiller (1793) su función era formar el “alma hermosa” del ciudadano perfecto. En los nuevos tiempos, el diseño puede considerarse un nuevo arte liberal de la cultura tecnológica¹.

Hay muchas oposiciones que se enfrentan a estas dos áreas de las que nos ocupamos en este expediente, como: considerar el Diseño como la esfera de lo práctico y lo útil y el arte como la esfera de la ciudadanía y lo sublime; una oposición entre la razón y el sentimiento; entre el objeto y el sujeto; entre la autoexpresión y el mercado; entre el trabajo y el juego; entre la heteronomía y la autonomía. Muchas de estas oposiciones fueron derogadas de POP Arte, por la estetización, por la personalización, por la artificación, por los “Duchampianos”. El mercado ha dominado ambas áreas y el arte y el diseño están listos para transformar nuestras vidas.

Al considerar la enseñanza de Diseño y Arte hay dos órdenes que también se presentan como dicotómicas, pero que se complementan creativamente. Una es la idea de que el Arte se centra en el deseo del ser humano y el Diseño se centra en llenar la falta de lo que otros desean.

Si nos combinamos con este otro orden que se puede considerar también complementario, la idea de que el Arte es vida y Diseño, vida con Arte, tendremos dos razones convincentes para recuperar una intimidad sin jerarquía entre la Enseñanza del Arte y el Diseño: la mejora de la calidad de vida para el individuo y la sociedad.

Las Pedagogías del Diseño y el Arte no están separadas por un abismo. No hay una línea territorial definida entre ellos, pero como dice Jan Jagodzinski² una membrana delgada, donde se lleva a cabo una negociación entre ellos.

La Historia de la Enseñanza del Diseño y el Arte nos advirtió que organizaremos los textos en tres partes, la primera sobre la Enseñanza del Diseño, la segunda sobre la Enseñanza del Arte y la tercera sobre un Diseño extendido, pasando de la interculturalidad a la tecnología.

Ofrecemos a los lectores la oportunidad de comparaciones e integraciones o incluso nuevas dicotomías, aunque hemos tratado de desafiar a las oposiciones.

Agradecemos la generosidad de los colaboradores.

**Ana Mae Barbosa,
Claudia Facca**

¹ BUCHANAN, R. Wicked Problems in Design Thinking. En: Design Issues, 8, n. 2, Spring 1992. 5-21. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/1511637>. Consultado en: 12 octubre 2019.

² JAGODZINSKI, Jan. Desiring Lines: The Pedagogical Responsibility of Art & Design at the End of the World en: The International Encyclopedia of Art and Design Education, Richard Hickman (General Editor), John Baldacchino, Kerry Freedman, Emese Hall, and Nigel Meager (Volume Editors). © 2019 John Wiley & Sons, Inc. Published 2019 by John Wiley & Sons, Inc. DOI: 10.1002/9781118978061.ead065.

Editorial

Enseñanza de Diseño y Arte

Homenaje a Arthur Efland

Es justo aquí, en un número del DATJournal dedicado a la enseñanza del Diseño y el Arte, para honrar a Arthur Efland, mi amigo e gran intelectual, que fue un investigador en la Historia de la Enseñanza del Arte, con algunas investigaciones sobre la Historia del Diseño.

Arthur Efland (1929)³ murió en Ohio (Estados Unidos) en el 11 de abril de 2020, con 90 años de lucidez dedicados a la Arte-Educación.

En la década de 1970, uno de sus artículos sobre Arte Escolar llamó la atención sobre el hecho de que la llamada Educación Artística en las Escuelas no tenía nada que ver con el mundo del arte, eran meros ejercicios escolares. Su crítica hizo espacio para el posmodernismo en el Arte-Educación facilitando la entrada de imágenes de arte desde aulas de jardín de infantes hasta talleres en universidades. Anteriormente, la esquizofrenia reinaba en la formación de artistas: la dicotomía entre la práctica y la teoría. En las décadas siguientes publicó mucho, pero dos libros cambiaron el estatus de Arte en la Educación y la Historia de su enseñanza: uno sobre Arte y Cognición y el otro sobre La Historia de la Enseñanza del Arte, con interesantes descubrimientos sobre la Historia de la Enseñanza del Diseño.

He sido un ávido lector de los textos de Arthur Efland desde que hice mi doctorado en la Universidad de Boston en los Estados Unidos, y me enamoré de la Historia de la Enseñanza del Arte. Se convirtió en uno de mis héroes intelectuales. Mis maestros trataban de convencerme de abandonar la investigación histórica con la excusa de que tenía talento para enseñar metodologías. En ese momento, Historia de la Enseñanza del Arte era un tema relegado al olvido, sin importancia y casi sin un público lector.

Dio prestigio a los estudios de arte y educación histórica en los Estados Unidos. Entonces, cuando lo conocí en persona, mi admiración aumentó mucho. Además de animarme a continuar mi investigación histórica, pronto descubrí que era un ser humano extraordinario. Rápidamente percibió las cualidades de las personas y trató de comunicar y resaltar esas cualidades en lugar de clasificarlos por defectos. Era un historiador con paciencia histórica hacia sus estudiantes, esperaba que se desarrollaran y, si necesitaba criticar algo, lo hizo de una manera suave, a veces un poco irónica, pero siempre dialogante.



Fonte Foto por Dra. Mary Stockroki (São Paulo, 1998)

Arthur y Jenny nos dieron la bienvenida a mí y a mi familia como si fuéramos de su propia familia cuando yo era profesor en la Universidad Estatal de Ohio. Buscaban saciar mi sed de conocer las instituciones culturales cercanas y no puedo olvidar la magnífica experiencia que me dieron, ya que me llevaron a ver una exposición didáctica de una obra de Frida Kahlo en el Museo de Arte de la Universidad de Miami. Vi lo que considero un milagro museográfico: una sola obra (el autorretrato de Frida Kahlo como ciervo) alimentando una exposición que capturó los sentidos y fue profundamente significativa.

Arthur estuvo dos veces en Brasil, por invitación mía, para el 1º Congreso sobre la Enseñanza de la Historia del Arte, en 1984, en ECA/USP y como profesor del curso que inauguró SESC Vila Mariana en 1998, “La comprensión y el placer del arte”.

Si quieres saber que tus textos comienzan con “Cultura, Sociedade, Arte e Educação num Mundo Pós-moderno”, en GUINSBURG, J. e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). O pós-modernismo. SP: Editora Perspectiva, 2008, p. 173-188.

Arthur Efland se ha ganado para la Historia del Arte y el Diseño de la Enseñanza un lugar de respeto entre las áreas del conocimiento.

No hay conocimiento respetable sin historia.

Ana Mae Barbosa

³ SCHOEDINGER. Arthur Efland. Disponible en: <https://www.schoedinger.com/obituaries/Arthur-Efland/#/TributeWall>. Consultado en: 30 de abril de 2020.